

## BODAS-DE-LEITE: UMA AVENTURA SINGULAR

Laura Beatriz Fonseca de Almeida\*

### RESUMO

Leitura de um olhar feminino que constrói o espaço do prazer na revelação do segredo de um "eu" que se reconhece como carência do "outro".

#### *Bodas-de-Leite*

Pela noite  
arrasto  
meu pudor entre abraços

Pelas noites de riso e pesadelo  
meu companheiro não me poupa seu segredo:  
a lua gorda escondida na gaveta  
a floresta tropical dissimulada  
na estampa do lençol.

E eu não me defendo mais  
mistura de bocas  
não me recuso mais.

Primeira dentição do nosso amor  
e estiagem da primeira  
grande tempestade.

Da janela uma platéia de estrelas  
desce em leve sobressalto  
e em silêncio se deita conosco.

No poema *Bodas-de-Leite*, o espaço do desejo se constrói filtrado por um olhar feminino que vivencia, como protagonista, o ritual da procura da própria singularidade.

O cenário desse ritual, restrito ao espaço físico de um quarto ou, mesmo, de uma cama, assegura intimidade e aconchego à revelação do segredo do "eu" que, fechado em sua privaci

---

\*Professora Assistente de Língua Portuguesa do Departamento de Letras Vernâculas da Faculdade de Letras da UFMG. Mestre em Teoria Literária e Literatura Comparada.



dade do tempo, registrada pelo sintagma - pelas noites, promove um deslocamento da ação imediata para ações recuperadas pela memória.

A pluralização do sintagma e a qualificação deste em noites "de riso e pesadelo" indicam a contradição que está latente na protagonista entre o prazer desejado e a negação do prazer. Adjetivando as noites com palavras, cuja carga semântica contém uma oposição (na palavra riso, a emoção é uma sensação positiva e, na palavra pesadelo, uma sensação negativa), o olhar feminino concretiza o conflito, na expectativa de poder superá-lo por um percurso singular à procura de um estado de plenitude. Parte de um passado inevitável, essas noites contêm o segredo, como uma ameaça do confronto com o "outro".

As lembranças se interpõem à realidade da experiência que está sendo vivida pela protagonista, como mediadores de duas fases do ritual: a primeira, da preparação, descrita na estrofe inicial; e a segunda, da entrega, descrita na terceira estrofe. Pela memória, o olhar feminino instaura, para o leitor, um presente histórico, capaz de permitir o distanciamento necessário à revisão do segredo do outro, do companheiro. Filtrando suas lembranças, esse olhar trabalha verdades que não se atribui. No entanto, a imagem revelada retrata-o como o olhar de um ser ameaçado que revive, na noite, momentos-limites de uma ação evitada: a entrega.

O segredo, como via de acesso ao conflito, revela a fragilidade do "eu" frente a ameaça do prazer. O olhar feminino, ao atribuir ao "outro" algo que também é seu: o desejo, aparentemente evita reconhecer-se em sua duplicidade. No entanto, a imagem que traduz o segredo põe em questão a própria verdade do "eu".

Metaforizando o ato sexual, o olhar feminino nos confunde com revelações, para poupar a si mesmo o reconhecimento daquilo que impede à protagonista transpor seus limites a alcançar, na doação, um estado de plenitude.

A imagem criada trabalha com a ausência de ação e quebra com a expectativa de uma imagem transparente do ato. O uso de participípios dão à cena um caráter estático, onde o "eu" e o

"outro" parecem estar imobilizados enquanto sujeitos da ação. Através de elementos externos ao cenário: "lua gorda", "floresta tropical" e também internos: "gaveta", "estampa do lençol", o "eu" anuncia seu próprio desejo sem reconhecê-lo como parte de sua interioridade. Os termos que fazem o elo entre o espaço da subjetividade e o espaço físico do quarto: "escondida" e "dissimulada" confirmam a intenção do "eu" em disfarçar a sua verdade, pelo sentido de ocultamento que há nessas palavras.

Nessa estrofe, o conflito se instaura e, formalmente, há evidência de que os cinco versos que a constroem trazem algo diferente para a leitura do poema. Enquanto as outras quatro estrofes têm apenas três versos, a segunda tem dois versos a mais. Há, ainda, uma outra marca formal que é dada por um dos versos visualmente mais longo. Entretanto, esse verso, o segundo, tem o mesmo número de sílabas métricas que o verso seguinte, o terceiro. São versos dodecassílabos que, juntamente com o presente histórico reforçam as ações, recuperadas pela memória, e, na coincidência de uma mesma métrica, cuja tonicidade recai na 4ª, 8ª e 12ª sílabas, destacam o que neles está enunciado como verdades complementares.

Evidenciando o segredo do companheiro, que se contrapõe à ação tímida da protagonista, o olhar feminino se esquia de reconhecer dentro de si uma força inevitável que atribui ao "outro". Pode parecer que, ao indicarmos um olhar feminino que se expõe em sua fragilidade, como consciência reflexiva da trajetória do "eu", quiséssemos apenas testar uma voz que de antemão já julgássemos preconceituosamente. Ao contrário, quando insistentemente apelamos para esse olhar, o fazemos pela certeza de encontrarmos nele um segredo que se sobrepõe àquele que é enunciado.

Sensíveis a esse olhar que evita esclarecer seu próprio conflito: o desejo de conviver com o prazer, uma emoção inexplicável, e que também não se arrisca a explicar a si mesmo para manter o mistério e a magia do ser, julgamos poder avaliá-lo como um olhar singular que, ao construir o espaço do desejo, encontra, em si mesmo, aquilo que procura no "outro":

uma singularidade.

Na seqüência do ritual, a terceira estrofe descreve o momento do encontro do "eu" com o "outro", recuperando, através da conjunção e, a temporalidade enunciada pela estrofe inicial. É na "noite" que a protagonista se permite a entrega ("mistura de bocas"), ultrapassando, assim, as barreiras do seu próprio segredo.

O sentimento de pudor dos primeiros gestos permanece durante a luta que o "eu" trava consigo mesmo diante da proximidade de seu desvendamento pelo "outro". A presença dos advérbios *não* e *mais*, nos versos que abrem e fecham essa estrofe, enfatiza o conflito da protagonista. No *mais* temos a recuperação da ação plural das "noites de riso e pesadelo" e no *não*, a singularidade da ação do momento presente: "a noite".

Superada a atitude de defesa ("não me defendo mais"), a protagonista se dá ao "outro" ("não me recuso mais"). O clímax do encontro está na convergência de duas temporalidades: a da noite e a de noites passadas, que revividas, simultaneamente à ação da entrega, fazem de sua superação o esteio de um momento de plenitude.

A estrutura quase idêntica do primeiro e do terceiro versos dessa estrofe dá velocidade à cena, cuja circularidade das ações, recriada melodicamente, ritualiza o prazer do encontro do "eu" com o "outro". Há, entretanto, uma quebra no ritmo da cena pelo segundo verso, que sugere níveis diferentes de focalização ou, ainda, um recorte explícito do olhar feminino sobre a ação de seu "eu" - protagonista. O primeiro e o terceiro versos compõem o plano de fundo do ritual e o segundo verso, posto em destaque, é primeiro plano na cena, por uma fração de segundo. Sobrepondo um plano ao outro e interrompendo rapidamente a ação por um "flash" que joga uma imagem estática sobre outras que acontecem simultaneamente, o olhar feminino consegue visualmente trabalhar sensações que traduzem sua entrega ao prazer.

O ritual, pouco a pouco, vai sendo vencido. A luta do "eu" com o seu próprio desejo faz prevalecer o prazer sobre as dúvidas, sobre os medos. É a quarta estrofe que descreve o

saldo da procura do "eu" pelo "outro". O fruto do encontro se dá por completo: "primeira dentição do nosso amor". A metáfora contém a totalidade, a plenitude de uma experiência singular. Mais que um rito antropofágico, a entrega faz do fruto do desejo, da carne, da aproximação, o reconhecimento do "outro", como parte do próprio "eu".

A confirmação da experiência como algo singular vem de imediato solidificando a entrega: "a estiagem da primeira grande tempestade". O repouso, a etapa seguinte, traz serenidade de uma batalha vencida. Se o fruto da entrega nos vem pela protagonista, é do olhar feminino que recebemos a confirmação desse estado de plenitude. Temos, como na estrofe anterior, a sensação de experimentar dois níveis de focalização: no primeiro, foco direto, temos o fruto (a primeira dentição) e no segundo, plano de fundo, a estiagem. Essa sensação decorre de a ação da protagonista ser imediata, resultado da ação, e a do olhar feminino ser reflexiva, como construção dessa mesma ação.

A estrutura melódica da estrofe apresenta uma mudança de ritmo do primeiro para o segundo e terceiro versos. Contrapondo-se ao ritmo mais marcado do verso que inicia a estrofe, verso decassílabo, os outros dois são irregulares (oito e cinco sílabas métricas) e compõem entre si um todo. O final do segundo verso provoca em torno da palavra "primeira" um clima de expectativa em relação ao que se enuncia no terceiro verso (grande tempestade) e uma certa ambigüidade em relação ao primeiro verso que se inicia pela palavra "primeira". Assim, a estiagem recupera, através da palavra "primeira", tanto a "dentição" como "tempestade", estabelecendo entre ambas um ponto em comum.

O fruto do prazer é a razão das "bodas", cujo ritual é a experiência do novo, de algo que se dá por completo e que, ao mesmo tempo, é passageiro e substituível, como a "primeira dentição". Cumpridas as etapas, o "eu" abre o espaço do desejo para a comemoração. São as estrelas que compactuam com ele o estado de plenitude. Platéia de uma experiência sem testemunhas, elas trazem luz para a noite, sem invadir a privacidade

dos amantes.

O olhar feminino, através "da janela", deixa entrar as espectadoras solidárias desse ritual, para que em comunhão se jam o coroamento da entrega ("a platéia de estrelas... se dei ta conosco"). Como presença muda, as estrelas fecham a cena metaforizando, no seu movimento ("... descem) em leve sobresalto"), o inexplicável das sensações e dos sentimentos experimentado nessa noite.